

Subjetividade e Antropofagia segundo Suely Rolnik



Prof. Dr. Ivan Maia de Mello
IHAC/PPGDC – UFBA
POSIH - UNILAB

Obras

- Revolução Molecular (GUATTARI, 1979): tradução, notas
- Micropolítica, cartografias do desejo: (coautoria com Guattari, 1986)
- Cartografia sentimental (tese de Doutorado, 1989)
- Esquizoanálise e antropofagia (In: Gilles Deleuze: uma vida filosófica, 1998)
- Subjetividade antropofágica (2005)
- Esferas da insurreição (2018)
- Antropofagia zumbi (2021)

Esquizoanálise

- a subjetividade não é dada, a priori
- sua produção transborda a individualidade
- processos de subjetivação que se fazem nas conexões entre fluxos heterogêneos
- o indivíduo é resultante desses processos
- as figuras da subjetividade são efêmeras e formadas por agenciamentos coletivos e impessoais
- crítica dos modos de subjetivação subordinados ao regime identitário e seu modelo de representação
- no “corpo sem órgãos” os encontros com a alteridade (não só humana) geram intensidades, chamadas “singularidades pré-individuais”
- os agenciamentos dessas singularidades reconfiguram a individualidade

Esquizoanálise

- multiplicação das mestiçagens que se operam na subjetividade
- crítica da reterritorialização das subjetividades sujeitas à desterritorialização globalizante do capitalismo, por meio de modelizações homogeneizantes
- subjetivações reativas: defesa da identidade contra sua dissolução, ou defesa de identidades locais contra identidades globais
- as novas tecnologias da imagem e da comunicação tendem a fortalecer e a sofisticar cada vez mais a subjetividade que funciona sob o regime identitário e figurativo
- o plano intensivo do “corpo sem órgãos” viabiliza a produção de uma subjetividade heterogenética: modos de existência singulares
- atenção à emergência das novas formas de expressão
- operação própria do desejo: agenciar componentes subjetivas de uma variedade de universos existenciais, e a partir disso produzir as múltiplas figuras da realidade.

Correspondência antropofagia e esquizoanálise

“A concepção de subjetividade de Deleuze e Guattari, implicada em sua teoria da clínica (a qual, por vezes, eles chamaram de ‘esquizoanálise’), faria eco a um dos princípios constitutivos das subjetividades no Brasil. Chamarei esse **princípio de ‘antropofágico’**, **trazendo para a esfera da subjetividade**, e reinterpretando, aquilo que o movimento antropofágico apontou no domínio da estética e da cultura brasileiras.” (ROLNIK, 2000, p.452)

O processo subjetivo antropofágico

“Estendido para o domínio da subjetividade, o **princípio antropofágico** poderia ser assim descrito: **engolir o outro, sobretudo o outro admirado, de forma que partículas do universo desse outro se misturem às que já povoam a subjetividade do antropófago** e, na invisível química dessa mistura, se produza uma verdadeira transmutação.” (ROLNIK, 2000, p. 452-453)

O processo subjetivo antropofágico

“Operação antropofágica” como produção de subjetividade:

“Ora, isso não evoca diretamente a operação antropofágica?

Se a interpretamos a partir dessa perspectiva, **o ‘antropo’ deglutido e transmutado nessa operação não corresponderia** ao homem concreto, mas ao humano propriamente dito –**as figuras vigentes da subjetividade**, com seus contornos, suas estruturas, sua psicologia. O resultado dessa operação é um desfile de figuras que se sucedem, geradas nas miscigenações promovidas pelo nomadismo do desejo.” (ROLNIK, 2000, p. 455)

Esquizoanálise e antropofagia

“**A diferença está na estratégia** a que obedece a configuração das formas da realidade: quando esse processo é comandado por uma lei que lhe é **imane**nte, ele irá orientar-se pelas **intensidades** produzidas no *corpo sem órgãos*; já quando é regido por uma **lei transcendente, esta impõe ao desejo imagens a priori, extrínsecas** a seu movimento. A primeira estratégia definirá um modo antropofágico de subjetivação, ao passo que a segunda, um modo do tipo identitário-figurativo.”
(ROLNIK, 2000,p.456)

Caráter produtivo do desejo

- concebendo **o desejo como produção**, a questão do desejo se coloca em termos da “viabilização do trânsito em mão dupla entre o plano virtual das intensidades e o plano atual das formas [...] Trata-se de estar atento às rachaduras das formas vigentes no atual, para escutar o burburinho das singularidades pré-individuais ou proto-subjetivas que se agitam no virtual *corpo sem órgãos*; trata-se igualmente de farejar a pista de **agenciamentos que favoreçam a atualização de tais singularidades como matérias de expressão.**”
- “Para Deleuze e Guattari, **o desejo não carece de nada**, [...] No entanto, se tiramos de cena o Ideal transcendente e examinamos esses mesmos movimentos com a escuta sintonizada no *corpo sem órgãos*, **aquilo que para o sujeito é falta revela-se como excesso de singularidades que transbordam e desmancham sua figura, levando-a a tornar-se outra**, se o processo seguir seu curso. (p. 458)

Desejo e Prazer

- para além da busca por obtenção de prazer, **Deleuze e Guattari propõem que nos encarreguemos do desejo, retomando constantemente sua processualidade, afirmando sua potência de conexão e criação, para alcançarmos a alegria da atividade do desejo**, evitando a tristeza de suas desativações.

“[...] quando a antropofagia encontra um aliado, como parece ser o caso com a esquizoanálise, o que se descortina é a imagem de uma ‘**reserva tropical de heterogênesse**’, fruto de uma rica biodiversidade de que o Brasil disporia não só no reino vegetal e animal, mas também no humano, principalmente no campo da subjetividade.” (p.459-460)

- “Com efeito, o inconsciente maquínico-antropofágico não é prerrogativa dos trópicos, e muito menos dos brasileiros: sendo um princípio imanente à produção de subjetividade, ele é próprio da espécie humana como um todo. [...] **ativar o inconsciente maquínico-antropofágico se constitui como força de resistência à regra geral da homogeneização**” (p.462)

Subjetividade antropofágica (2005)

“Subjetividade hoje: [...] flutuam ao sabor das **conexões mutáveis do desejo com fluxos** de todos os lugares e todos os tempos, [...]sem identidade: modulações metamorfoseantes em um processo sem fim, [...] sem o ‘em casa’ de um sentimento de si, ou seja, **sem uma consistência subjetiva** palpável – familiaridade de certas relações com o mundo, certos modos de ser, certos sentidos compartilhados, uma certa crença. Dessa casa invisível, [...], carece toda a humanidade globalizada.”

Antropofagia cultural (2005)

O mundo singular em se vive requer **cartografias de sentido** que o torne inteligível para uma tomada de consistência.

“A inspiração da noção de **antropofagia** vem da prática dos índios tupis, que consistia em devorar seus inimigos, mas não qualquer um, apenas os bravos guerreiros. Ritualizava-se assim **uma certa relação com a alteridade: selecionar seus outros em função da potência vital que sua proximidade intensificaria; deixar-se afetar por esses outros desejados a ponto de absorvê-los no corpo**, [...] O assim chamado *Movimento Antropofágico* extrai e reafirma a fórmula ética da relação com o outro que preside esse ritual para fazê-la migrar para o terreno da cultura.” (p.91)

Heterogeneidade x Homogeneização

“A cultura brasileira nasce sob o signo de uma multiplicidade variável de referências e sua mistura. [...] A tendência que se mantém hegemônica desde então é a de consumir cultura europeia, cartografias de sentido que, além de terem sido produzidas no contexto de uma experiência de não-mistura, são desencarnadas da experiência sensível, porque forjadas sob a égide do racionalismo.” (p.92)

Heterogênese da Cultura Popular

“Já a **cultura popular** se produz tradicionalmente a partir da **exposição a esse outro variado** com o qual se é cotidianamente confrontado, exposição forçada pela necessidade de constituir no novo País um território de existência,[...] O resultado é **uma estética viçosa, irreverente e inventiva.** [...] Essa produção se faz totalmente à margem da cultura oficial local, que a desqualifica ou, na melhor das hipóteses, a folcloriza, evitando, assim, qualquer perigo de contaminação disruptiva.” (p.93)

Ética irreverente: Prática culta da vida

“Uma das principais palavras de ordem desse movimento [antropofágico], reiterada em seus dois *Manifestos*, propõe: ‘contra o gabinetismo, a prática culta da vida’; ‘contra todos os importadores de consciência enlatada, a existência palpável da vida’.

Os criadores que se colocam nessa posição se dão o direito de construir os próprios problemas. Para isso, incorporam o banal à sua maneira, e afirmam a exuberância dessa ética irreverente que impregna o cotidiano brasileiro no interior do sistema oficial da cultura. Eles não só injetam doses dessa estética na cena artística, mas ainda **intensificam sua irreverência ao misturá-la com os mais atuais e sofisticados repertórios eruditos** dos assim chamados ‘centros hegemônicos’,” (p.94)

A devoração antropofágica

- O banquete antropofágico é feito de universos variados incorporados na íntegra ou somente em seus mais saborosos pedaços, misturados à vontade em um mesmo caldeirão, sem qualquer pudor de respeito por hierarquias *a priori*, sem qualquer adesão mistificadora. Mas não é qualquer coisa que entra no cardápio dessa ceia extravagante: é a fórmula ética da antropofagia que se usa para **selecionar seus ingredientes, deixando passar só as idéias alienígenas que, absorvidas pela química da alma, possam revigorá-la, trazendo-lhe linguagem para compor a cartografia singular de suas inquietações.** (p.95)

Descentralização antropofágica

“[...] há um **radical deslocamento da ideia de ‘centro’**. O suposto poder de generalização deste ou de qualquer outro modelo é ignorado, já que todo e qualquer universo cultural é investido como coágulo provisório de linguagem, selecionado em **um processo experimental e singular de criação de sentido, da mesma forma, aliás, que o próprio universo indígena ou africano.**” (p.95)

“[...] a força da antropofagia é justamente a **afirmação irreverente da mistura** que não respeita qualquer espécie de hierarquia cultural *a priori*” (p.96)

Cartografias experimentais de sentido

“[...] o **critério de seleção** para o ritual antropofágico na cultura não é o conteúdo de um sistema de valor tomado em si, mas o quanto funciona, com o que funciona, o quanto permite **passar intensidades e produzir sentido**. E isso nunca vale para um sistema como um todo, mas para alguns de seus elementos, que se articulam com elementos de outros sistemas, perdendo, assim, qualquer conotação identitária.[...] **Fazer cultura antropofagicamente tem a ver com cartografar: traçar um mapa de sentido que participa da construção do território que ele representa, da tomada de consistência de uma nova figura de si, [...]** É da vizinhança paradoxal entre heterogêneos, feita de acordos não resolvidos e não remetidos a uma totalidade, que emana o sentido: **roteiro, cartografia dos movimentos sociais reais, efeito crítico**. Qualquer **experimentação pragmática**, seja ela mais ou menos bem sucedida, vale mais que a imitação estéril de modelos.” (p.97)

Linha de fuga brasileira da cultura eurorreferenciada

“Já não se trata mais de uma soberania do tipo colonial: a potência hegemônica não enfrenta mais seu Outro, não há mais exterioridade, pois ela estende progressivamente suas fronteiras até abarcar o conjunto do planeta.[...] **a cultura produzida no Brasil torna-se uma linha de fuga da cultura européia**, e não mais reposição submissa e estéril, nem simples oposição que mantém aquela cultura como referência.” (p.98)

Subjetividade Antropofágica

“A **subjetividade antropofágica** define-se por jamais aderir absolutamente a qualquer sistema de referência, por uma **plasticidade para misturar** à vontade toda espécie de repertório e por uma **liberdade de improvisação de linguagem** a partir de tais misturas. No entanto, para um olhar mais arguto, que capta o invisível, a antropofagia atualiza-se segundo diferentes estratégias do desejo, movidas por diferentes vetores de força, que vão de uma maior ou menor **afirmação da vida** até sua quase total negação.” (p.99)

Modo antropofágico de subjetivação

“Antes de mais nada, esse modo [antropofágico de subjetivação] depende de um grau significativo de **exposição à alteridade**: enxergar e querer **a singularidade do outro**, sem vergonha de enxergar e de querer, sem vergonha de expressar esse querer, sem medo de se contaminar, pois **é nessa contaminação que a potência vital se expande**, carregam-se as baterias do desejo, **encarnam-se devires de subjetividade**: a fórmula tupi. Esse tipo de relação com a alteridade **produz no corpo uma alegria** – ‘a prova dos nove’, segundo afirma duas vezes o *Manifesto Antropófago*, prova da pulsação de uma vitalidade.” (p.99)

Corpo Vibrátil

“[...] segunda característica do modo antropofágico de subjetivação atualizado em seu vetor mais ativo: um certo **estado do corpo**, em que **suas cordas nervosas vibram a música dos universos conectados pelo desejo**; uma certa **sintonia com as modulações afetivas** provocadas por essa vibração;”

“Uma terceira característica [...] aquilo que funciona como operador da consistência subjetiva é a errância do desejo que vai fazendo suas conexões guiado predominantemente pelo ponto de vista da vibratibilidade [**caráter vibrátil**] do corpo e sua vontade de potência. Um critério ético de seleção das escolhas [...] o que Oswald de Andrade chamou de ‘**sentimento órfico**’,” (p.100-101)

Lei imanente x Lei a priori

“Quando comandada por uma **lei que lhe é imanente**, a construção se orientará pelas **intensidades produzidas no corpo vibrátil**, ou seja, a configuração do mundo tal como se apresenta no corpo – um conhecimento por vibração e contaminação. Já quando é regida por uma **lei transcendente**, esta impõe ao desejo **imagens extrínsecas** a seu movimento, como **programa a priori** a ser obedecido – um conhecimento por representação e imitação.” (p.101)

Rizoma de Singularidades

Outras características da subjetividade emergente:

“Uma quarta característica é o tipo de subjetividade que assim se constitui: **singularidade impessoal**, todo aberto disperso nas múltiplas conexões do desejo no campo social e que emerge entre os mundos agenciados, [...]

Uma quinta característica ainda é o modo em que emerge esse tipo de subjetividade: sua gênese se faz por alianças e contágios, um **rizoma** infinito que muda de natureza e rumo ao sabor das **mestiçarias** que se operam na grande usina de nossa antropofagia cultural.” (p.102)

Critério ético antropofágico: corpo como bússola, corpo que conhece por vibração e contaminação, corpo cujas escolhas são definidas pela vida em sua vontade de afirmação.

Antropofagia ativa e reativa

“Na verdade, entre o **polo mais ativo da antropofagia**, em sua atualização **ética**, e o **polo mais reativo**, em sua atualização **narcísica**, muitos são os matizes em que essas posições se combinam em diferentes proporções. [...] O que há é uma diversidade de modos de afirmação da antropofagia: do mais ético ao menos ético, do vale-tudo em função dos **interesses da vida** ao vale-tudo em função dos **interesses do ego**.” (p.105)

Antropofagia ativa experimental

“Construir um ‘em casa’ depende agora de algumas operações que, [...], são familiares ao **modo antropofágico em sua atualização mais ativa**: sintonizar as transfigurações no corpo, efeitos de novas conexões de fluxos; pegar a onda dos acontecimentos que tais transfigurações desencadeiam; desenvolver uma **prática experimental de arranjos concretos de existência que encarnam essas mutações**; inventar novas possibilidades de vida.” (p.106)

Regime Identitário

“[...] a tendência predominante é manter-se sob o regime que até há pouco vigorava: um ‘em casa’ identitário. [...] por força do **modo hegemônico de subjetivação no neoliberalismo mundial integrado**, que precisa do **regime identitário** para funcionar e que mobiliza esse hábito em nosso desejo, como dispositivo essencial para sua efetuação.

Se o mercado, por um lado, constrói e destrói territórios de existência como a própria condição de seu funcionamento, pois necessita de estar sempre criando novas órbitas de produção e consumo, por outro lado, **para entrar em qualquer uma dessas órbitas, é necessário que essa subjetividade desterritorializada encarne identidades prêt-à-porter**, produzidas como perfil subjetivo das performances requeridas por cada órbita.” (p. 107)

Alta Antropofagia: Expansão da Vida

“[A ‘alta antropofagia’] É que ela nos permite suportar melhor a falta de sentido que acontece quando misturas de mundo em nosso corpo nos impõem mudanças de linguagem; **improvisar mais facilmente linguagens incomuns para expressar** tais mudanças; e, sobretudo, usar nessa criação o que tivermos à mão, desde que favoreça a **expansão da vida** individual e coletiva. Isso nos torna mais aptos para alcançar uma **consistência subjetiva** deslocada do princípio identitário, [...]”
(p.108)



REFERÊNCIAS

ROLNIK, Suely. Antropofagia zumbi. São Paulo: N – 1 Ed., 2021.

_____. O que os Guarani nos ensinam sobre micropolítica. In: _____. Antropofagia zumbi. Lisboa: Cadernos ultramares, 2021.

_____. Esferas da insurreição, notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: N-1 edições, 2018.

_____. Subjetividade antropofágica. In: LINS, Daniel. (org.) Razão nômade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

_____. Esquizoanálise e antropofagia. In: ALLIEZ, Eric (Org.). Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Ed. 34, 2000.

_____. Cartografia sentimental. São Paulo: Estação Liberdade, 1989. (tese de Doutorado, 1989)